

Práticas de um musicoterapeuta em formação: relatos de experiência dentro de uma escola especial

GATTINO, Gustavo Schulz¹
gustavogattino@yahoo.com.br

RESUMO – Este trabalho consiste no relato da minha experiência em Musicoterapia com portadores de deficiências mentais em uma escola especial. Apresento esse relato para salientar a importância do treinamento profissional prático durante a formação em Musicoterapia. Nessa experiência foram executados alguns procedimentos do processo terapêutico em Musicoterapia, como receber supervisão, utilizar ferramentas musicoterápicas, verificar capacidades e dificuldades dos clientes, assim como compreender a problemática do cliente. Através de falhas e acertos na experiência, houve uma pequena melhora no desenvolvimento da autonomia, do esquema e da imagem corporal dos clientes, além do meu aprimoramento sobre conceitos teóricos e práticos de Musicoterapia. Ao escrever sobre práticas vivenciadas durante a trajetória estudantil, o aluno melhora seu desempenho profissional em todos os aspectos. Por isso, quanto mais os estudantes escreverem sobre o assunto, cada vez mais esses temas serão alvo de discussão e aprendizado, o que auxilia no crescimento e consolidação da Musicoterapia.

PALAVRAS-CHAVE - Musicoterapia, aprendizado, prática

Este relato apresenta a experiência em Musicoterapia vivenciada por mim na Escola Especial Estadual Renascença, Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS). A Experiência ocorreu entre os meses de agosto e dezembro de 2005, fazendo parte da disciplina de Musicoterapia nas Deficiências Físicas e Mentais II, do 6º semestre do Bacharelado em Música-Habilitação em Musicoterapia, do Instituto Superior de Música de São Leopoldo (ISM), São Leopoldo, RS.

Os agentes motivadores para a escrita deste trabalho foram duas situações vivenciadas durante a graduação. A primeira foi a visita do musicoterapeuta (Mt) argentino Rubén Gallardo ao ISM². Naquela ocasião, ele relatou que alguns musicoterapeutas argentinos estão estudando na residência em Musicoterapia oferecida pelo município de

¹ Aluno do 8º semestre do Bacharelado em Música-Habilitação em Musicoterapia do Instituto Superior de Música de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

² O Mt. Rubén Gallardo participou como palestrante na semana acadêmica do ISM em sua visita realizada no mês de junho de 2005.

Buenos Aires após o término da faculdade (GALLARDO, 2002, p. 41). Esse fato revela a importância que os profissionais argentinos depositam no exercício prático da profissão como forma de aprendizado, dentro da sua formação profissional. O segundo motivo se refere a minha experiência prática dentro da Escola Especial Estadual Renascença, a qual me evidenciou o valor em trabalhar com indivíduos de “carne e osso” e não apenas com livros teóricos.

Ao chegar na escola para o primeiro dia de trabalho, encontrei uma escola de estrutura física antiga (pavilhões de madeira), alunos com dez ou quinze anos de escola, além de estudantes de outras áreas, tentando colocar os conhecimentos teóricos na prática como nós. Além disso, nos primeiros encontros, verificamos uma rotina de trabalho praticamente inalterável no local. Todos os dias, por exemplo, os alunos se reuniam no pátio da escola para aguardarem suas professoras antes do início das aulas. Nesse momento, eles cantavam uma canção de “bom dia”, a qual jamais foi trocada por outra música ao longo da nossa passagem pela escola.

Segundo a proposta de trabalho, os alunos da disciplina de Musicoterapia nas Deficiências Físicas e Mentais II deveriam formar trios para o treinamento das funções de musicoterapeuta principal, co-terapeuta e observador, em três grupos diferentes. Assim, cada aluno iria exercitar uma função diferente em cada um dos três grupos de pacientes. Vale salientar que os relatos e reflexões a seguir dizem respeito ao meu trabalho como musicoterapeuta principal em um grupo de clientes

Na disciplina anterior (Musicoterapia nas Deficiências Físicas e Mentais I) havíamos estudado conceitos musicoterápicos de autores como Kenneth Bruscia, Rubén Gallardo, Donald Michel, Clive Robbins e Paul Nordoff, por exemplo. Agora, deveríamos abordar alguns desses conceitos e aplicá-los na prática de maneira coerente e consciente. Para iniciar o trabalho na escola, precisávamos conhecer os grupos para um melhor direcionamento do processo terapêutico. Em Musicoterapia, ter estratégias ao longo do processo terapêutico auxilia o terapeuta nas suas futuras intervenções (DAVIS & GFELLER, 1999, P.276). Após esse primeiro encontro, conforme a orientação da supervisão, ficou determinado como objetivo central das intervenções o estímulo à autonomia dos clientes. A abordagem de aspectos essencialmente subjetivos da problemática dos clientes não pode ser incluída nas estratégias terapêuticas, uma vez que não conhecíamos profundamente os pacientes anteriormente. Dessa forma, somos levados para uma primeira reflexão: o ideal em Musicoterapia seria que o terapeuta forme seus

grupos segundo as suas intenções com aqueles pacientes conhecidos previamente. (GALLARDO, 2004, p. 121). Ou então, segundo William Seras (SEARS *apud* GASTON, 1968, p.52) para as técnicas da Musicoterapia funcionarem em grupos é necessário que o cliente já esteja trabalhado segundo a estrutura única da música e que já tenha uma capacidade de auto-organização. Entretanto, o ideal não se aproxima do real na maioria desses casos.

O grupo de atendimento no qual trabalhei constituía-se de quatorze pessoas portadoras de deficiências mentais, vindas de duas turmas diferentes (intermediário II e III), com idades entre vinte e quarenta anos de idade. Todos os clientes possuíam um nível de intelecto e de convivência social parecidos. Além disso, os elementos relacionados ao esquema e à imagem corporal estavam prejudicados nesses indivíduos. Esses elementos citados acima foram avaliados através da análise dos prontuários da escola e das vivências dos primeiros encontros. Aliado à supervisão, as estratégias de trabalho também se direcionaram para o aprimoramento do esquema e da imagem corporal. Porém, antes dessa etapa, necessitava conhecer o ISO³ de cada cliente. Pois, somente dessa maneira as atividades musicais poderiam possuir algum significado para aqueles indivíduos. Seguindo esse conceito, documentei os seus gostos e suas preferências musicais no primeiro encontro. De forma geral, todos gostavam das canções das novelas do momento (Alma Gêmea e América, por exemplo), assim como de músicas nativistas⁴. Outro elemento a destacar em relação ao grupo de trabalho se refere à intitulação desses indivíduos como clientes. Pois, se dentro da escola eles são considerados alunos, como posso chamá-los de clientes? O musicoterapeuta possui essa capacidade? Segundo Bruscia (BRUSCIA, 2000, p. 190), o musicoterapeuta dentro das escolas especiais trabalha para desenvolver habilidades e conhecimentos não musicais dos indivíduos, ao contrário do professor de música que se preocupa apenas com as habilidades musicais dos sujeitos. Dessa forma, torna-se mais clara a diferença entre o aluno de música portador de deficiência mental e um cliente portador de deficiência mental engajado no processo terapêutico.

³ Segundo Benenzon (BENENZON, 1995, p.34), o conceito de ISO se refere à noção de existência de um som, ou de um conjunto de sons, ou de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada indivíduo.

⁴ O termo empregado refere-se às canções gauchescas do momento e as canções tradicionais do Rio Grande do Sul.

TRECHOS DE ALGUMAS SESSÕES E ALGUMAS REFLEXÕES

Sessão do dia 26/10/2005: em sessões anteriores a esta, estava vinculado fortemente a atividades de desenho de instrumentos musicais e outras atividades mais estáticas. Entretanto, não estava visualizando a falha cometida, pois trabalhava apenas elementos que mantinham aqueles sujeitos parados em suas cadeiras. Por isso, de acordo com as orientações da supervisão, centralizei de forma mais satisfatória a necessidade de “trabalhar o corpo daqueles indivíduos”. Por isso, foram modificadas as minhas intervenções terapêuticas radicalmente a partir dessa sessão. De acordo com Gallardo (GALLARDO, 2004, p. 115), as atividades corporais não estão dentro da especificidade do musicoterapeuta. Contudo, trabalhei o corpo mediante o recurso rítmico, parte específica das ferramentas complementares⁵ do musicoterapeuta segundo esse mesmo autor (GALLARDO, 2004, p. 162). Na primeira atividade proposta, trabalhei alguns aspectos relacionados ao alongamento do corpo através da música “Pela luz dos olhos teus” do compositor Vinícius de Moraes. Segundo a minha propostas solicitada, pedia aos clientes para alongarem e se aterem em cada parte do corpo segundo as minhas propostas solicitadas. A cada parte do corpo mencionada, junto do ritmo da música, objetivava uma maior consciência corporal dos indivíduos. Na segunda parte dessa atividade, o alongamento corporal foi realizado unicamente pela interação de olhares entre o grupo e eu. Na segunda parte da sessão, abordei movimentos encadeados de acordo com o andamento da canção “Fato consumado” do compositor Djavan. Procurava nessa música trabalhar alguns movimentos do corpo que remetessem a uma coreografia. Além disso, um dos objetivos da atividade era apresentar o estímulo corporal como um momento alegre e descontraído. Vale lembrar que as idéias dessas atividades foram aprendidas por mim em um seminário com a musicoterapeuta alemã Christa Graesslin⁶ (2005).

Sessão do dia 23/11/2005: havia proposto padrões rítmicos com baquetas nesta sessão. Todavia, não realizei uma verificação eficiente sobre a maneira que deveria ter trabalhado essa atividade. No começo da sessão, almejava somente o êxito da execução dos padrões. Por conseguinte, deixei de enxergar o essencial: a interação musical daqueles

⁵ Para Gallardo (GALLARDO, 2004, p. 162), as ferramentas complementares do Mt. são as formas rítmicas e sonoras manifestadas e / ou percebidas através do corpo; os objetos e os meios analógicos e digitais de produção, reprodução, edição e comunicação..

⁶ A musicoterapeuta. esteve ministrando um curso para os estudantes de Musicoterapia, o qual eu participei, na Escola Superior de Teologia (vinculado ao ISM), durante o mês de outubro de 2005.

sujeitos a partir da situação terapêutica (SEARS in GASTON, 1968, P. 50). Antecipei a etapa do conhecimento e da experimentação livre das baquetas pelos clientes. Logo no início, estava interessado no desempenho musical dos clientes; não investiguei as verdadeiras necessidades dos pacientes naquele instante. Ao assistir o vídeo dessa sessão (a única filmada), fui pontuado pela supervisão devido a velocidade demasiada que falava com os clientes. Dessa forma, pelo que observei, estava me aproximando de um professor preocupado trabalhar o conteúdo de uma aula. Mas, ainda nessa sessão, realizei o que segundo Gleffer e Davis é um dos deveres do musicoterapeuta: ajudar o cliente (DAVIS & GFELLER, 1999, p.3). Ao permanecer com ele, lado a lado, lhe ajudei a segurar o par de baquetas. Na minha opinião, devia ter começado a atividade exercitando o “como” agarrar as baquetas.

No final da prática relatada, algumas mudanças positivas puderam ser observadas nos clientes atendidos, de acordo com os objetivos estabelecidos anteriormente. Primeiramente, houve uma modificação na autonomia desses indivíduos através do crescimento das suas capacidades de escolha. No início das atividades, os clientes possuíam, de forma geral, dificuldades em optar por uma idéia ou canção na sessão de Musicoterapia sem que ela fosse proposta pelo terapeuta. Mediante a oportunidade de escolha oferecida pelo terapeuta ao longo do processo (em relação à escolha de músicas e de atividades, por exemplo), os clientes puderam, ao final da prática, mostrar cada vez mais o que era da sua vontade ao invés de esperar o que o outro iria lhe oferecer. Também, os clientes mostraram uma melhora no desenvolvimento do esquema e da imagem corporal. Ao trabalhar muitas atividades corporais com música, os clientes puderam colocar o seu corpo na cena e aprimorar movimentos, postura e consciência corporal. Em relação ao meu desempenho apresentado nas práticas, tive a oportunidade de errar, aprender e modificar conceitos sobre a prática do musicoterapeuta. Os resultados apresentados foram verificados e avaliados segundo a supervisão de Musicoterapia, presente em todas as sessões ao longo do trabalho.

A escrita e a reflexão sobre as práticas desempenhadas enquanto estudantes de Musicoterapia são fundamentais para entender e qualificar cada vez mais as habilidades e aptidões que os futuros profissionais precisam adquirir ao longo da sua formação acadêmica. Por isso, há uma grande necessidade dos estudantes publicarem mais trabalhos sobre suas vivências clínicas como terapeutas. Assim, muitos profissionais formados e outros estudantes poderão debater, pensar, refletir e questionar a respeito de vários

aspectos presentes nesses trabalhos. Portanto, além de ajudar os alunos, falar sobre as experiências práticas ao longo da formação do musicoterapeuta é um dos possíveis caminhos para auxiliar no desenvolvimento e consolidação da Musicoterapia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENENZON, Rolando. *Teoria da Musicoterapia - Contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal*. São Paulo, Summus, 1988.
- BRUSCIA, K. *Definindo Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- DAVIS, William. B. et al. *An introduction to music therapy: theory and practice*. 2. ed. Boston: McGraw-Hill College, 1999.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para trabalho científico*. 13. ed. Porto Alegre: Explicação das normas da ABNT, 2005.
- GALLARDO, Rubén. *Introducción a la Musicoterapia Clínica*. Tomo 2. Buenos Aires: Ediciones Estudios de Musicoterapia Clínica, 2002.
- GALLARDO, Rubén. *Musicoterapia – 100 preguntas fundamentales ... y sus respuestas*. Buenos Aires: Ediciones Estudios de Musicoterapia Clínica, 2004.
- GRAESSLIN, Christa. Musicoterapia com ênfase em Pessoas com Deficiência. In: SEMINÁRIO DE MUSICOTERAPIA COM ÊNFASE EM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, 2005. São Leopoldo. *Certificado de Conclusão*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.
- SACCHETTI, Alejandro. *El párpado del oído: entre la música y el psicoanálisis* – Buenos Aires: Letra Viva, 2004.
- SEARS, William W. *Los procedimientos en Musicoterapia*. In: GASTON, E. Tayer et al.. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1968.